

Estudos da Língua(gem)

A linguagem em questão: *um recorte inter, multi e transdisciplinar*

Preâmbulo: a linguagem em questão *inter, multi e transdisciplinar*

Preamble: the language in question inter, multi and transdisciplinary

Esta edição da revista Estudos da Língua(gem) apresenta ao leitor um conjunto de textos que tratam da linguagem num recorte inter, multi e transdisciplinar.

Em **Filosofia menor: a língua inatual dos conceitos**, *Auterives Maciel Júnior* e *Mário Bruno* categorizam a filosofia menor pelos conceitos de minoria e de devir-minoritário, defendidos por Deleuze e Guattari. Os autores sustentam que uma língua inatual é criada quando a filosofia se insurge contra os conformismos que contaminam a atualidade histórica, mostrando o destino revolucionário que a filosofia comporta quando determina o seu empreendimento nesta direção.

Em **Palavras de ordem e resistência: a linguagem em questão**, *Antonio Carlos Clemente Mateus* trata – brilhantemente – da interlocução existente entre Linguística, Filosofia e Literatura, para discutir a resistência da linguagem literária às palavras de ordem que aprisionam o homem ao consenso formado pela mídia. O autor toma como ponto de partida a permanência do cinismo na arte e avalia como se dá a relação da criação como uma prática de resistência literária, que se define na contrapartida das palavras de ordem que imperam no uso majoritário da língua.

Em **Blanchot, a experiência literária e o fim da história: as janelas abertas de uma geração**, Danichi Hauser Mizoguchi expõe – com liberdade estética – as principais ideias do pensamento do fora de acordo a filosofia e a experiência literária que questionam a utopia do fim da história. O autor coloca em evidência o devir e as vertentes revolucionárias presentes na criação conceitual da filosofia e na potência expressiva das artes que criam combatendo teleologias.

Em **A linguagem do fora: a interface entre drogas lícitas e ilícitas em saúde mental**, entramos na área que cobre o vasto leque da clínica. Eduardo Passos e Sandro Rodrigues abordam, sem moralismos, as experiências psicotrópicas lícitas e ilícitas. Os dois autores partem de um lugar insólito para situar a clínica: a experiência do fora do eixo. Forçosamente interdisciplinar, eles concebem a clínica como um afazer heterogêneo que reúne, na sua intempestividade, elementos díspares que funcionam conectados pelo intuito de ruptura. A clínica como passagem para o novo, desejo ininterrupto de mudança, experiência sutil de errância, trans faz o novo na ruptura que ela abre em relação ao presente, denunciando as armadilhas que o controle exerce quando cria um eixo normativo e.

Em **Corpo e Linguagem**, Antonio Quinet enaltece a psicanálise com um artigo curioso que entrelaça corpo e linguagem, situando a complexidade do corpo nos registros determinados por Jacques Lacan. Segundo o autor, o corpo está em três registros: no imaginário do espaço (objeto do mundo fenomênico); no simbólico da linguagem (preso na cadeia da linguagem é mortificado pelo significante que escreve a história e a anatomia histórica próprias a cada um); e no real, pois é corpo que goza. Com isso, Quinet demonstra de forma hábil e consistente a singularidade da psicanálise neste inédito e complexo pensamento do corpo.

Em **Interpretação e ato na produção de uma escrita**, Maria Cristina Poli estabelece uma homologia entre a psicanálise e uma certa vertente da produção literária que ela denomina com habilidade por “poesia da recusa”. Seu problema consiste em mostrar que tanto na via da interpretação quanto na intervenção pela via do ato de fala, a psicanálise demonstra sua especificidade em um modo de operar a negatividade. Com isso, convoca a poesia da Mallarmé, ao demonstrar uma provável intercessão com a literatura poética que pensa o estilo na via da destituição das certezas subjetivas.

Em **Geologia da linguística e definição de máquina abstrata por Deleuze e Guattari**, Tatiana Marins Roque aborda os postulados da linguística com um duplo propósito: pensar na perspectiva pragmática uma geologia da

linguística pela abordagem que Deleuze e Guattari fazem de Hjelmslev; e trabalhar, como consequência da análise empreendida, as noções de expressão e conteúdo, colocando em evidência as nuances da noção de máquina abstrata. Com elegância e precisão Tatiana nos conduz pelo complexo e arriscado universo do pensamento literário, extraindo daí consequências políticas que merecem uma avaliação.

Por fim, dois ensaios. No primeiro, **A potência de não: linguagem e política em Agamben**, Peter Pal Pélbart faz uma avaliação precisa da Filosofia de Giorgio Agamben. O autor deslinda – com precisão – a noção de potencia que Agamben apresenta nos seus artigos bio-políticos, mostrando, em contrapartida, como é possível apreciar isto na justa expressão da experiência literária, definida pelo autor como um uso livre da linguagem. Isto torna a abordagem de Peter Pal Pélbart extremamente singular, pois nela vislumbramos, com requintado gosto, detalhes transversais da filosofia de Agamben nas suas diversas *démarches*. No segundo, **Memória, condensação e deslocamento nos processos primários do inconsciente do sonhador**, Maria da Conceição Fonseca-Silva e Carla Cristiane de Oliveira Pinheiro discutem o *Sonho da Injeção de Irma*, primeiro sonho de Freud submetido à análise na relação memória, condensação e deslocamento nos processos primários do inconsciente do sonhador, mobilizando postulados de Freud sobre o mecanismo de trabalho dos sonhos e sua relação com o funcionamento do aparelho psíquico.

Auterives Maciel Júnior
Maria da Conceição Fonseca-Silva

Junho de 2017.